

SOBRE A “ARTE DA CONVERSAÇÃO” NOS *ENSAIOS* DE MONTAIGNE: CRÍTICO DA EDUCAÇÃO E DO PEDANTISMO ACADÊMICO

ABOUT THE "ART OF CONVERSATION" TESTS OF Montaigne: CRITICAL OF EDUCATION AND ACADEMIC PEDANTRY

Marta Maria Aragão Maciel¹

Resumo

A obra *Ensaaios*, de Michel de Montaigne, destaca-se entre as produções filosóficas e literárias do século XVI. Estando no limiar entre o Renascimento e a modernidade, essa obra filosófica deixou contribuições no campo da educação, que são percebidas na temática “arte da conversação” - assunto do presente artigo. Nessa temática, apresenta uma crítica radical à educação e à ciência de seu tempo, recusando o pedantismo acadêmico e o discurso centrado na autoridade e na reprodução de clássicos como Platão e Aristóteles. Valoriza o diálogo livre como mecanismo para alcançar o conhecimento, mas não reivindica um valor absoluto, eterno e incontestável.

Palavras-chave: Diálogo, *Ensaaios*, dissenso, *pintura de si*, humanismo.

Abstrac

The Essays of Montaigne's work stands out among the philosophical and literary productions of the sixteenth century. Standing on the threshold between Renaissance and Modernity, contributes to education and knowledge. Develops the art of conversation - subject of this article - in which makes a radical critique of education and science of his time. Refusal academic pedantry and centered discourse on authority and playing classics like Plato and Aristotle. Values the free dialogue as a mechanism to achieve knowledge, but does not claim an absolute, eternal and unquestionable value.

Keywords: Dialogue, Essays, dissent, painting itself, humanism.

Nos ‘ensaaios de sua vida’, Michel de Montaigne (1535-1592), membro de uma burguesia nascente em ascensão, simboliza um marco na história do pensamento. Os *Ensaaios* (escritos de 1571 a 1592, ano em que morre o autor) representam o grande ‘projeto’ filosófico de Montaigne (que, não podendo deixar de ter um valor interior, o

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora substituta no curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: maciel_mart@yahoo.com.br. Fone: 85-99403687. Endereço: Rua Siqueira Campos, nº 1330, Jardim Jatobá -Fortaleza-CE CEP. 60732-260. Revista de Administração Educacional, Recife, v.1, n.1 p 121-135, jan/jun,2014

próprio autor, em um dos inúmeros momentos em que fala da obra, a ela se reporta, no último ensaio intitulado *Da experiência*, como sendo os “ensaios de minha vida”²).

A posteridade, em sentido apologético ou não, é incapaz de não confirmar a relevância de tal empreitada filosófica. Por mais que Montaigne se encontre na fase final do Renascimento, é (e isto não pode deixar de ser dito) filho do humanismo: dizer isso significa, sobretudo, ressaltar a centralidade do homem como objeto de estudo.

A obra *Ensaaios*, não sendo biografia, desde suas primeiras linhas ganha a marca biográfica do autor. Depois de anos de experiências pessoais, intelectuais e políticas, o pensador decide isolar-se nas terras de Montaigne. Dentre os vários fatores que o levaram a tal necessidade de reclusão, se encontra a perda do pai e a perda de La Boétie, com quem alimentou, conforme palavras suas, “uma amizade única e perfeita” (*Livro III*, cap. III, *De três relacionamentos*, p. 51).

Tal necessidade de ‘afastar-se do mundo’ não tinha em vista uma faculdade natural tendenciosa ao isolamento. Como ele próprio escreve, “por minha natureza, não sou inimigo da agitação das cortes” (*Livro III*, cap. III, *De três relacionamentos*, p. 56). Muito ao contrário, em sua vida Montaigne sempre se mostrou bem mais como um homem do mundo, um homem de funções públicas, do contato cotidiano com os homens. Esse isolamento tinha por objetivo a dedicação ao projeto filosófico, bem como pessoal, do *cuidado de si*, da experiência de si, do voltar-se para si mesmo, da *pintura de si* buscada pelo autor: tal elemento já adianta a primazia da subjetividade. Em sua carta ao leitor, Montaigne já esclarece o objetivo de seu projeto:

Eis aqui, leitor, um livro de boa fé. Adverte-o de início que só o escrevi para mim mesmo, e alguns íntimos (...) [para que] possam nele encontrar alguns traços de meu caráter e de minhas ideias e, assim, conservem mais inteiro e vivo o conhecimento que de mim tiveram (...), porquanto é a mim mesmo que pinto. (...) Assim, leitor, sou eu mesmo a matéria deste livro, o que será talvez razão suficiente para que não empregues teus lazes em assunto tão fútil e de tão mínima importância (*Carta ao leitor*, p. 5.).

O presente texto tem por pretensão desenvolver, com base nos *Ensaaios*, a problemática acerca da ‘arte de conversar’, valendo-se não somente, mas, sobretudo, dos apontamentos de Montaigne no ensaio intitulado *Da arte da conversação*. De fato, por meio de tal tema entra no debate o que o filósofo entende e formula sobre a defesa

² MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaaios: Livro III*. Trad. br. de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001, cap. XIII, *Da experiência*, p. 444. As referências relativas aos *Ensaaios*, obra aqui tratada, serão feitos ao final das referidas citações com a indicação do livro, capítulo e páginas, sucessivamente.

do diálogo livre e aberto e, também, a apologia plutarquiana, que realiza acerca do caráter cognitivo do ouvir. A essa temática, estão vinculados diversos elementos, tais como: crítica ao pedantismo dos ‘ditos’ eruditos, odebate acerca do problema da verdade, crítica à metafísica e determinado modelo de ciência predominante em sua época. Para tanto, convém um breve *excursus* sobre alguns pontos basilares da obra.

Em seus *Ensaio*s, Montaigne aborda temas como a morte, a educação das crianças, os livros (de seus autores prediletos), os índios americanos, o corpo, o poder da imaginação, as paixões, problemas relativos à intolerância religiosa (inclusive relativamente aos judeus, etc). Um primeiro olhar desavisado imagina que se trata de uma obra ‘sem pé nem cabeça’. Aliás, o próprio pensador, que nunca abandona o recurso literário da ironia, fala da seguinte forma, quando se refere aos seus ensaios: “ora divago, ora registro e dito, caminhando, meus devaneios que aqui estão” (*Livro III, cap. III: De três relacionamentos*, p. 63).

Montaigne, olhando para si mesmo, conhecendo a si mesmo, afirma humildemente que conhece muito pouco, que tem uma ciência muito fraca. E diz: “É por minha experiência que aponto a ignorância humana” (*Livro III, cap. XIII, Da experiência*, p. 438). Aqui se apresenta a crítica a certo modelo educacional dominante em sua época e a tipo de sábios, filósofos e cientistas produzidos por “um século tão corrompido”, que tornou corriqueira a existência de “sábios mais ignorantes do que o homem comum” (*Livro I, Pedantismo*, p. 71).

O sistema educacional que Montaigne critica é aquele, no qual as crianças não são ensinadas a pensar, a exercitar seu julgamento, mas baseados na maquiagem e pura reprodução dos clássicos: falamos ‘como observa Cícero’, ‘dizia Aristóteles’, ‘assim pensava Platão’: mas “que pensamos? Que fazemos? Um papagaio poderia substituir-nos” (*cap. XXV, Pedantismo*, p. 69). É, pois, um sistema fundado na superficialidade e repetição (reprodução) impensada, irrefletida, na autoridade de pensamentos alheios.

O pensador francês não acredita em um conhecimento desvinculado da própria vida. É como pensar em “músicos que afinam suas flautas, mas não os seus costumes; dos oradores que estudam para discutir a justiça, mas não a praticam” (*Livro I, cap. XXV, Pedantismo*, p. 70). Nesse sistema, a criança é afastada para uma formação ampla que durará quase vinte anos e, no entanto, “nada se fará dele; o que trouxe a mais é o grego e o latim, que o fizeram mais tolo e presunçoso do que quando deixou a casa

paterna. Devia voltar com o espírito cheio, e voltou balofo; incharam-no e continuou vazio” (Livro I, cap. XXV, *Pedantismo*, p. 70).

Para Montaigne, é preciso ter antes uma cabeça bem formada, isto é, que saiba pensar, refletir. Dizer isto não significa jogar no lixo todo o saber legado pela tradição. Afinal, é necessário ter sempre em mente que se trata de um autor humanista, tendo, pois, a tradição como estando num patamar de extrema importância na representação de pensadores como Sócrates, Platão, Cícero, Sêneca e Plutarco, bem como poetas como Lucrécio e Virgílio: “Bem sei com que ousadia eu próprio tento igualar-me por todos os meios aos meus furtos e ir de par com eles. (...) Se pudesse medir-me com eles seria homem de bem, pois só procuro imitá-los³ no que tem de melhor” (Livro I, cap. XXVI, *Da educação das crianças*, p. 74). Para o autor, ‘imitar’ não significa ‘memorizar’, repetir, mas, antes, aprender a refletir, a pensar (inclusive a partir dos autores), enfim, é exercitar o próprio julgamento:

Porque se por reflexão própria abraçar as opiniões de Xenofonte e Platão, elas deixarão de ser deles e se tornarão suas. (...) Não se trata de aprender os preceitos desses filósofos, e sim de lhes entender o espírito. Que os esqueça à vontade, mas que os saiba assimilar (Livro I, cap. XXVI, *Da educação das crianças*, p. 76).

Em seus *Ensaio*s, entrando diretamente em oposição às pretensões da Filosofia e à ciência dominantes em seu tempo, o filósofo não almeja a descoberta de verdades absolutas, isentas de toda e qualquer dúvida e atemporais, apresentando uma “aversão por essa arrogância importuna e belicosa que acredita e confia totalmente em si, inimiga mortal da disciplina e da verdade” (Livro III, cap. XII, *Da experiência*, p. 438).

Desse modo, na contramão de um racionalismo exacerbado, assim como os *ensaio*s têm certo caráter autobiográfico, o autor faz apologia da própria experiência como elemento cognitivo. O ‘é preciso conhecer a si mesmo’, a advertência inscrita no

³ Montaigne se reporta aqui a um dos principais temas da tradição retórica e do humanismo cívico renascentista: a questão da imitação [*imitatio – imitazione*]. A concepção de imitação [*imitazione*], bem como de exemplo [*esempio*] são temas da historiografia antiga retomados e resignificados pelos humanistas. Sabe-se que muitos humanistas estavam convictos de que o melhor meio para conseguir aprender a arte do bem pensar e do bem falar era por meio da imitação dos modelos clássicos, mesmo que não se possa afirmar a existência de uma concepção comum e única de imitação [*imitazione*]. Embora, a imitação [*imitazione*] tenha como fundamento certa uniformidade da natureza que permanece ao longo dos tempos é importante compreender que tal imitação [*imitazione*] e interesse pelos clássicos do passado visavam à resolução dos problemas imediatos da sua existência e não uma simples memorização ou aplicação do passado ao presente. (Cf. KRISTELLER, Paul. *Tradição Clássica e Pensamento Renascentista*, [1979]. Trad. Port. Artur Mourão. Lisboa: edições 70, (s/d), pp. 25, 102-103; GARIN, Eugênio. *Ciência e Vida Civil no Renascimento Italiano* [1965]. Trad. br. Cecília Prado. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996, p. 12.).

templo de Delfos apresentada como um imperativo pela filosofia socrática⁴ - “de que fala Sócrates mais abundantemente que de si próprio?” (Livro II, cap. VI, *Do exercício*, p. 177) -, se apresenta como elemento de fundo do pensamento montaigniano:

A advertência para cada qual conhecer a si mesmo deve ter um efeito importante, pois aquele deus de ciência e de luz [Apolo] mandou fixá-la na fachada de seu templo, como abrangendo tudo o que ele tinha para aconselhar-nos. Platão também diz que a sabedoria não é mais que a execução dessa ordem, e Sócrates prova-o detalhadamente em Xenofonte (*Livro III*, cap. XIII, *Da experiência*, p. 437).

Como explicita Kehl (2004), refletindo acerca do texto de Montaigne, como os ditos eruditos “pensam que podem conhecer a verdade por meio da razão se não conhecem nem mesmo a si próprios?”⁵. O objeto de estudo do autor dos *Ensaio*s é o homem, aliás, mais especificamente ele próprio, tendo muito claro o limite desse conhecimento, sabendo-se incompleto, imperfeito e em constante mudança:

Meu único objetivo é analisar a mim mesmo e o resultado dessa análise pode, amanhã, ser bem diferente do de hoje, se novas experiências me mudarem. Não tenho autoridade para impor minha maneira de ver, nem o desejo, sabendo-me demasiado mal instruído para instruir os outros (Livro I, cap. XXVI, *Da educação das crianças*, p. 74).

Se o pensador tem como elemento de fundo a pesquisa de sua própria subjetividade, do seu eu, um eu que se percebe em um movimento contínuo de transformação, de mudança, é também o eu que questiona a possibilidade, em relação ao conhecimento do mundo exterior, de se fundar uma verdade absoluta, estável e universal: “Não retrato o ser. Retrato a passagem” (*Livro III*, cap. II, *Do arrependimento*, p. 27).

De fato, o universo dos homens, seja cada um em particular ou mesmo a espécie humana, é um todo permeado pela mudança, pela variação, pela multiplicidade de costumes, de opiniões, de pensamentos, pela inconstância comum aos homens: “Acredito que a constância seja a qualidade mais difícil de se encontrar no homem” (Livro II, cap. I, *Da incoerência de nossas ações*, p. 157).

Nesse aspecto, Montaigne traz, no interior de seu pensamento, uma crítica às pretensões metafísicas da ciência e Filosofia dominantes, pois buscam leis eternas e

⁴ Acerca da importância que Montaigne dedica a Sócrates no interior da tradição filosófica do *cuidado de si*, é relevante o que diz o autor no ensaio *Do exercício*, ao falar que “somente Sócrates pôs em prática o preceito que recebera de Apolo: CONHECE-TE A TI MESMO”. CF. MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*s, Livro II, cap. VI, *Do exercício*, p. 177.

⁵ KEHL, Maria Rita. “Civilização partida” in NOVAES, Adauto (Organizador). *Civilização e Barbárie*, pp. 101-124. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 113.
Revista de Administração Educacional, Recife, v.1, n.1 p 121-135, jan/jun, 2014

imutáveis que o homem, mutável e imperfeito, enxerga no mundo físico ou histórico: “O homem é um tema maravilhosamente vão, diverso e ondulante. É infundado fundar nele um julgamento constante e uniforme” (*Civilização partida*, p. 113). O autor aponta não haver “nenhuma qualidade tão universal quanto a diversidade e a variedade” (*Livro III*, cap. XIII, *Da experiência*, p. 423.).

Realizando uma crítica ao pedantismo, está explícita a negação de toda pretensão humana de infalibilidade, nesse caso, representada pela pretensão de uma verdade absoluta. Os homens são falíveis, imperfeitos. Desse modo, na *Apologia a Raymond Sebond*, Montaigne rechaça essa vaidade humana impregnada, sobretudo, entre os doutos: “É preciso dominar tão tola vaidade e solapar ousada e energicamente os fundamentos ridículos sobre os quais se erguem as opiniões errôneas. (...) Eis por que é preciso despi-lo [o homem], reduzi-lo à indigência” (Livro II, cap. XII, *Apologia de Raymond Sebond*, p. 225.). Aponta, então, como ‘devaneios’, posturas teóricas tais como a de Demócrito quando “diz: ‘Vou falar de todas as coisas’; e o ridículo título que Aristóteles dá aos homens, ‘deuses mortais’” (*Ibidem*).

Em outros termos, é vã toda e qualquer busca de um saber e uma verdade metafísica, ontológica, absoluta, pois “não temos nenhuma comunicação com o ser” (*Civilização partida*, p. 113). Tal recusa a uma verdade absoluta é o que, comumente, se denomina por seu *ceticismo*. E o autor tem consciência de estar na contramão de seu século.

Nessa perspectiva, em sua Filosofia vem encerrada uma recusa às pretensões do racionalismo, na medida em que se opõe a um sistema filosófico fechado, metafísico, encerrado na ideia de verdade absoluta, e de uma razão soberba, capaz de apreender essa verdade, pois fundada no homem, um ser imperfeito e falível: “A nossa razão é incapaz de demonstrar sua superioridade” (Livro II, cap. XII, *Apologia de Raymond Sebond*, p. 116.).

Finalmente, nos deparamos com uma questão central, quando se trata de um trabalho acerca do pensamento montaigniano: por que escolher a forma literária do ensaio? Será mesmo que os rumos tomados pelo autor, em seu texto, são de fato ‘sem direção’, seguindo meramente seus ‘devaneios’? Seus caminhos parecem tomar um rumo proposital, traçado conscientemente.

Aliás, é sempre cabível lembrar que forma (escrita) e conteúdo não se distinguem. A crítica ao pedantismo e à vaidade dos doutos é indissociável da crítica à

verdade absoluta. Daí a escolha da forma literária do ensaio, que é uma forma aberta, que deixa espaço para a dúvida, que não impõe: esse é o ceticismo de Montaigne⁶. Sobre a escolha de tal forma de escrita no contexto do pensamento de Montaigne, um autor contemporâneo até parece referir-se aos *Ensaaios* quando diz:

O ensaio reflete o que é amado e odiado. (...) Felicidade e jogo lhe são essenciais. Ele não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer: ocupa, desse modo, um lugar entre os despropósitos. Seus conceitos não são construídos a partir de um princípio primeiro, nem convergem para um fim último⁷.

Montaigne ‘ensaia’ justamente porque não tem pretensão metafísica, não tendo por objetivo apreender verdades atemporais: em outros termos, não tem pretensão de sistema. Daí uma Filosofia propositalmente assistemática, que escreve sobre todos os assuntos, dos mais banais aos mais elevados; é isso o que o ensaio representa. E no caso de Montaigne, ele ensaia a si mesmo, de acordo com suas experiências, preferências, gostos, enfim, daquilo sobre o qual deseja falar: “O que exponho aqui não é doutrina, mas experiência; não é lição dada por outrem e sim por mim a mim mesmo” (Livro II, cap. VI, *Do exercício*, p. 176.). E ainda: “Estudo a mim mais do que a outro assunto. Essa é a minha metafísica, essa é minha física” (Livro III, cap. XII, *Da experiência*, p. 434.).

É preciso considerar, contudo, que sua crítica à busca de verdades absolutas não cai - como chegam a pensar alguns - na apologia do irracionalismo, pois acredita que “a razão deve regular as nossas inclinações” (Livro II, cap. VIII, *Da afeição dos pais pelos filhos*, p. 180). Trata-se de compreender os limites da própria razão. O ceticismo de Montaigne não é um ceticismo absoluto, que descarta a possibilidade da verdade, mas apenas a busca de verdades absolutas, atemporais e dogmáticas (pois incontestáveis).

A partir de seu próprio eu, o autor conhece, mais diretamente, o outro e o mundo. Como escreve Kehl (2004, p. 113) “a experiência de si é meio de acesso a alguma verdade – mas não uma verdade que possa valer universalmente” . Aqui

⁶ Conforme esclarece Maria Rita Kehl, Montaigne “pode ser considerado um cético, em parte em função da abertura de seu pensamento, em parte por sua afinidade pelo ceticismo da Antiguidade, que ele conheceu lendo as obras de Sexto Empírico. Sua atitude cética não defendia a impossibilidade de saber qualquer coisa – o que justificaria uma liberdade moral sem limites –, mas a suspensão do julgamento: diante de questões duvidosas, é melhor colocar os dogmas e as certezas em dúvida”. Cf. KEHL, Maria Rita. “*Civilização partida*”, p. 111.

⁷ ADORNO, Theodor W. “O Ensaio como forma” in *Notas sobre literatura I*. Trad. br. de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, pp. 16-17.

entramos diretamente na questão relativa à importância da conversação no pensamento montaigniano.

Para o autor francês, a conversação é uma forma de conduzir o pensamento. Para o filósofo, entretanto, tal elemento ganha um caráter inovador: o diálogo, como o ensaio, é uma forma aberta. E a importância da conversação está presente nos *Ensaio*s em seu todo, não somente no ensaio dedicado à arte da conversação. E “seu propósito era estabelecer a *verdade no diálogo*, na horizontalidade das conversas francas entre iguais, e não na submissão à palavra dos grandes sábios ou das autoridades da Igreja” (*Civilização partida*, p. 113).

Se a primazia filosófica presente nos *Ensaio*s é o próprio eu, que toma a si mesmo como objeto de estudo, o autor tem plena clareza de que não existe enquanto sujeito solipsista. Ao contrário, não sendo um eu que existe no vácuo, é confrontado, a todo momento, pelo exterior, pelo mundo, por outros ‘eus’. É isso o que o diálogo aberto representa.

No ensaio em questão, o autor afirma ser a conversação “o mais proveitoso e natural exercício de nosso espírito” (*Livro III*, cap. VIII, *Da arte da conversação*, p. 205). A conversação e o diálogo parecem ganhar relevância no interior de uma preocupação com o pensamento e com a busca da “verdade” (não metafísica, não ontológica, mas humana). Nas academias gregas e romanas, a conversação era considerada de extrema relevância na formação intelectual. Montaigne faz uma digressão em direção ao que poderíamos chamar por uma ‘pedagogia da diferença’:

Pode haver alguns com meu temperamento - eu que me instruo mais por oposição do que pelo exemplo. (...) Um bom escudeiro não corrige minha postura tanto como o fazem um procurador ou um veneziano a cavalo; e um modo errado de falar retifica o meu melhor do que o faz o correto. (...) Esta época é própria para só nos emendarmos de costas, por discordância mais do que por acordo, por diferença mais do que por semelhança. Sendo pouco ensinado pelos bons exemplos, sirvo-me dos maus, cuja aula é habitual (*Ibidem*).

É preciso aprender com o diferente, com o não ‘exemplo’, com aquilo/ou aquele que não deve ser ‘imitado’. Tal postura está diretamente ligada à afirmação de que é preciso saber ouvir, seja alguém com o entendimento sólido, seja um tolo⁸,

⁸ Assim como os erros e a tolice dos outros o advertem e aconselham, Montaigne não deixa de apontar, de “publicar”, seus próprios defeitos para que os outros não o “imitem”. Tal é o caso ao falar o seguinte sobre os tolos: “A tolice é uma qualidade má; porém não poder suportá-la, e irritar-se e roer por causa dela, como me acontece, é uma outra espécie de doença que pouco fica devendo à tolice em Revista de Administração Educacional, Recife, v.1, n.1 p 121-135, jan/jun,2014

simbolizando uma incondicional abertura à diversidade de opinião. Rita Kehl afirma que Montaigne acreditou “no diálogo como método de construção da verdade” (Civilização partida, p. 114.).

É nesse aspecto que podemos apontar a compreensão montaigniana do ‘dissenso’ como operando um papel crucial na busca da verdade. De fato, é no ensaio *Da arte da conversação* que se realiza e parece mais dura a recusa do discurso da autoridade (dos sábios) e do pedantismo. A ideia do ‘dissenso’ vem precisamente tomada na perspectiva de que ninguém tem a ‘posse’ da verdade. Aliás, “a unanimidade é uma característica totalmente tediosa na conversação” (*Livro III, cap. VIII, Da arte da conversação*, p. 206).

Para Montaigne, a conversação, sendo um meio de conduzir o pensamento, é o “exercício das almas”. Tal exercício somente pode se dar na medida em que é confrontado com outros. Por essa razão, “quando me contradizem despertam minha atenção, não minha cólera; vou ao encontro de quem me contradiz, de quem me instrui” (*Livro III, cap. VIII, Da arte da conversação*, p. 208).

Em sua exposição, Montaigne sobrevaloriza o *escutar*, a necessidade do *saber ouvir* como meio de cognição (chega a dizer que preferiria perder antes a visão que a fala e a audição). Dizer isto significa afirmar ser preciso, no interior do diálogo, saber ouvir o outro - contanto, claro, “que não procedam com um ar demasiadamente imperioso e professoral” (*Livro III, cap. VIII, Da arte da conversação*, p. 208.): aquele que dificilmente concordará com você e colocará seus argumentos à prova.

Saber ouvir significa admitir a própria falibilidade do humano, dos erros aos quais estamos submetidos e da possibilidade de correção. O outro é capaz de nos levar à correção de nossos erros ou a concluir na própria solidez de nossos argumentos: “Festejo e acaricio a verdade em qualquer mão, onde a encontrar, e rendo-me alegremente a ela, e estendo-lhe minhas armas vencidas” (*Livro III, cap. VIII, Da arte da conversação*, p. 208). Mas a importância do saber ouvir não tem um caráter por assim dizer óbvio. O autor dos *Ensaaios* tem clareza do quão é “certamente difícil atrair para isso os homens de meu tempo: eles não têm ânimo para corrigir porque não têm ânimo para serem corrigidos” (*Livro III, cap. VIII, Da arte da conversação*, p. 209).

A importância do ouvir como condição necessária da aprendizagem se desenvolve em um constante *diálogo com os grandes homens do passado* (“preciso

impunidade; e é o que agora quero denunciar em mim”. Cf. MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios: Livro III, cap. VIII, Da arte da conversação*, p. 206.

esconder minha fraqueza sob essas grandes reputações” [Livro II, cap. X, *Dos livros*, p. 190]). Aqui se apresenta, sobretudo, a relevância de Plutarco⁹ como um autor caro ao pensamento de Montaigne. O autor grego, em seu texto *Como ouvir*, ao falar da importância do diálogo, aponta o ouvir como condição necessária da aprendizagem, sendo o ouvido o ‘órgão da sabedoria’. Diz, pois, acerca do sentido da audição:

Ele é, entre os demais, o mais venerável; nem as coisas visíveis, nem as que se saboreiam, nem as tangíveis trazem arroubos, perturbações e terrores tais como aquelas que se apoderam da alma, irrompendo nela por meio da audição de certos estrépitos, golpes e sons. Mas ela é também mais relacionada com a razão do que com as paixões¹⁰.

Assim, para Montaigne, como para Plutarco, o ouvido e a fala movimentam a razão, a inteligência, mais que a própria visão. Valorizando o debate livre na conversação, Montaigne se afirma aberto aos ataques que lhe possam ser feitos. Contudo, se preocupa, sobremaneira, com a *forma* em que tal postura deve ser conduzida: somente é válida se conduzida com *ordem*. Diz: “Não é tanto a força e a sutileza que peço, como a ordem. A ordem que vemos diariamente nas altercações dos pastores e dos caixeiros, nunca entre nós” (*Livro III*, cap. VIII, *Da arte da conversação*, p. 210). E, pois, preciso ouvir e falar de modo ordenado, tranquilo, cedendo se preciso for.

Nesse aspecto, critica como nefasta a postura daqueles que entram no diálogo com uma crença absoluta em si mesmos, com uma atitude de desdém pelo adversário: “Só aprendemos a discutir para contradizer, e, cada qual contradizendo e sendo contradito, advém que o fruto da discussão é pôr a perder e aniquilar a verdade” (*Livro III*, cap. VIII, *Da arte da conversação*, p. 210).

Nas seguintes palavras de Plutarco até parece que escutamos o próprio Montaigne criticar aqueles que, por pura vaidade, “contestam soberbamente o que lhes foi dito, esforçando-se por saírem vencedores. [...] Portam-se de modo inconveniente os que imediatamente se opõem, falando aos que falam sem ouvir nem serem ouvidos” (*Como ouvir*, pp. 12-13). O autor grego faz, assim, um *elogio do silêncio* como parte da

⁹ Em seu importante ensaio *Dos livros*, Montaigne, ao falar de suas leituras e de certas influências, fala o seguinte quanto às de maior relevância do ponto de vista filosófico: “Quanto às minhas demais leituras, as que me instruem e deleitam ao mesmo tempo, as que me ensinam a pensar e a conduzir-me, tiro-as de Plutarco, (...) e de Sêneca. (...) Suas lições são da melhor filosofia e se apresentam da maneira mais simples, com competência”. Cf. MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*, Livro II, cap. X, *Dos livros*, p. 192.

¹⁰ PLUTARCO. *Como ouvir*. Trad. br. de João Carlos Cabral Mendonça. (Coleção Breves Encontros) São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 7.

boa condução do diálogo: o silêncio (o escutar) deve se fazer presente mesmo quando há o completo desacordo com os argumentos do palestrante: “mesmo se esta absolutamente não lhe agrada, se contém e espera que o palestrante acabe de falar” (*Ibidem*, p. 13).

A importância da palavra – “somente pela palavra é que somos homens e nos entendemos” (Livro I, cap. IX, *Dos mentirosos*, p. 21.) – está diretamente ligada ao ato de comunicar o pensamento. Nessa perspectiva, o autor critica o discurso empolado, ‘pomposo’, dos professores de retórica, homens cuja vaidade os leva à busca da glória e não ao comprometimento com a *busca* de razões sólidas, da ‘verdade’. Diz:

Eu preferiria que meu filho aprendesse a falar nas tavernas e não nas escolas de eloquência. [...] Se ele despir seu capelo de doutor, sua toga e seu latim; se não azucrinar nossos ouvidos com Aristóteles nu e cru, tomá-lo-eis por um de nós, ou pior. [...] Por serem mais eruditos não são menos ineptos. [...] Em meu país e em minha época, a ciência melhora muito as bolsas, escassamente as almas (*Livro III*, cap. VIII, *Da arte da conversação*, pp. 212-213).

Montaigne acusa aqueles que, não ocupados com a verdade, se valem da eloquência¹¹ para atrair admiradores: esses exercem a *tiranía* da palavra – “detesto qualquer espécie de tirania” (*Livro III*, cap. VIII, *Da arte da conversação*, p. 218.). Para Montaigne, é preciso que as palavras possam traduzir rigorosamente o pensamento, devendo se adaptar *ao que se quer exprimir*:

Quero que o pensamento a ser comunicado domine e penetre a imaginação de quem ouve, a ponto de que não mais se lembre das palavras. Gosto de uma linguagem simples e pura, a escrita como a falada, [...] e não uma linguagem pedante, fradesca, ou de advogado (*Livro I*, cap. XXVI, *Da educação das crianças*, p. 84).

O que o pensador francês recusa, aqui, é o discurso da autoridade, precisamente, a daqueles que se valem do rebuscamento e da pompa como mecanismo de ‘convencimento’. Aliás, se valem dos artifícios da pompa “os pretenciosos e atrevidos

¹¹ Para Montaigne, “não é que o bem falar não seja bonito e bom, mas não é tanto como o apregoam, e lamento que toda a vida se passe nisso”, diz. (Cf. MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*, Livro I, cap. XXVI, *Da educação das crianças*, p. 85). Importante ter claro aqui que o autor critica certos homens de seu tempo que, por pura vaidade (ou fama, ou dinheiro), se valem da eloquência como meio de convencimento, sem se preocuparem com o conteúdo de seus discursos, mas apenas com a recepção de seu bem falar frente aos homens. Não sei até que ponto o autor francês compreende como sinônimas retórica e eloquência. Acho pouco provável: como leitor sobretudo de Cícero, certamente o autor compreende que a eloquência é apenas um dos elementos da retórica e que, por exemplo em Cícero (cuja “eloquência era incomparável e, creio, ninguém jamais poderá ombrear com ele na arte de falar”. Cf. MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*, Livro II, cap. X, *Dos livros*, p. 193), certamente o elemento da eloquência não aparece no sentido deturpado tal como para os homens de seu tempo a quem critica, mas aparece de fundamental importância na preocupação com a vida ativa, na atividade pública, política.

Revista de Administração Educacional, Recife, v.1, n.1 p 121-135, jan/jun,2014

[que] sempre acobertam e dissimulam a ignorância com a qual convivem” (*Como ouvir*, p. 58). Essas palavras de Plutarco poderiam bem ter inspirado Montaigne, no ensaio *De três relacionamentos*, ao criticar os *homens de letras* de seu tempo: “a ciência que não conseguiu chegar-lhes à alma permaneceu-lhes na língua” (*Livro III*, cap. II, *De três relacionamentos*, p. 48).

Finalmente, voltemos aqui à ideia de *dissenso* já anunciada como o ponto nevrálgico do presente trabalho. Tal ideia, no contexto do pensamento montaigniano, ganha uma conotação positiva. De fato, a utilização desse termo no trabalho em questão indica a recusa do autor francês à unilateralidade de pensamento, à *tiranía*, à *intolerância* – “é sempre uma rispidez tirânica não conseguir suportar uma maneira de ser diferente da sua” (*Livro III*, cap. VIII, *Da arte da conversação*, p. 214) - para com o que pensa o outro, abrindo margem para a alteridade.

Se o autor dos *Ensaaios* pensa que “nascemos para buscar a verdade”, ele sabe que esta não está na posse de uma autoridade ou de um autor clássico qualquer. Aliás, além de todos esses elementos que a ideia de *dissenso*, no diálogo, traz à memória, ela culmina na própria conclusão do autor: “A causa da verdade deveria ser a causa comum a um e a outro” (*Livro III*, cap. VIII, *Da arte da conversação*, p. 208.). Daí a importância do diálogo livre com ênfase no ato de ouvir, tal como Montaigne aprendeu com Plutarco: “Quem se acostumou a ouvir com autodomínio e respeito, acolhe e retém o que é útil, discerne e reconhece melhor o que é inútil ou falso, mostrando-se amante da verdade e não quereloso nem precipitado e genioso” (*Como ouvir*, p. 14.).

No último ensaio escrito por Montaigne (que tem certo caráter de conclusão geral dos *Ensaaios*, com toda a maturidade trazida pelos anos), intitulado *Da experiência*, o autor conclui em linha direta ao exposto em *Da arte da conversação*: “A palavra é metade de quem fala, metade de quem ouve” (*Livro III*, cap. XIII, *Da experiência*, p. 458).

A ideia de *dissenso* traz em si, ao lado de uma postura intelectual de defesa de uma ética da alteridade, precisamente a recusa da ideia de verdade metafísica, absoluta. Se os ‘ensaaios de sua vida’ tem certo caráter biográfico, e sua obra não se desvincula de sua própria vida – como ele mesmo insiste, “não pode acontecer aqui o que vejo acontecer amiúde, de o artesão e sua obra contradizerem-se” (*Livro III*, cap. II, *Do arrependimento*, p. 29.) –, no que concerne à arte da conversação, uma *ética da alteridade*, esta é, também, o que Montaigne exercitou ao longo de sua vida, sobretudo

na amizade forte que nutriu por La Boétie: “La Boétie foi seu amigo e interlocutor, com quem viveu uma intensa relação no melhor sentido da ética aristotélica da amizade, segundo a qual a mais bela amizade seria a de duas pessoas que se juntam para, no diálogo, entender a verdade” (*Civilização partida*, p. 113).

Se nos *Ensaio*s Montaigne tem como objeto de estudo a *pintura de si*, conforme o já exposto o autor tem clareza de que o *cuidado de si* não pode culminar na apologia de um *eu*, de uma subjetividade isolada, independente¹²: é também isso o que a conversação e o diálogo representam. Como bem explicita Kehl (2004, p. 114), “seu interesse pela experiência de si não deve ser confundido com o que hoje conhecemos como individualismo; ele jamais se colocou como um centro isolado de pensamento” E, ainda, afirmam:

Foi um precursor do indivíduo solar, centrado em si mesmo, ao mesmo tempo em prestou testemunho da impossibilidade da solidariedade, pois, para ele o sujeito só se sustenta e se completa, só sabe o que diz, no diálogo com o outro (KEHL 2004, p. 114).

Montaigne, “o incomparável autor da arte de conversar”¹³, foi educado de acordo com as ideias humanistas do Renascimento, que tinha por base tanto a importância dos clássicos, quanto o conhecimento das línguas grega e latina (esta tendo se tornado praticamente a língua materna do autor), e ampla formação moral e filosófica. A revalorização renascentista dos antigos (de autores como Plutarco, Sêneca e Cícero) dava uma ênfase ao elemento da conversação e do diálogo como instrumento de conhecimento. Por volta de 1579-1580, o autor francês escreve o ensaio *Da*

¹² Se Montaigne, no primeiro livro que escreve, insiste em tornar claro que é ele mesmo a matéria de seu livro, ele se mostra, como homem do mundo, sobretudo no livro terceiro, o último a ser escrito, também preocupado com o outro, com o mundo exterior. Em *De três relacionamentos*, escreve: “Há índoles particulares, isoladas e fechadas em si. Minha forma essencial é própria para a comunicação e a manifestação: sou todo externo e evidente, nascido para a sociedade e a amizade” (MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*s: Livro III, cap. III, *De três relacionamentos*, p. 55). Ao mesmo tempo, critica certo comportamento seu que o leva, segundo diz, “a fechar-me em mim, e por outro lado uma grave e infantil ignorância das coisas comuns” (MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*s: Livro III, cap. III, *De três relacionamentos*, p. 50). Montaigne parece preocupar-se com características mais gerais que, antes de interessarem apenas aos ‘seus’, podem interessar também aos outros homens. Em *Do arrependimento*, reafirma que descreve, enfim, reproduz “um homem particular muito mal formado” (MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*s: Livro III, cap. II, *Do arrependimento*, 27), ou seja, seu próprio eu. Entretanto, para o autor, “cada homem porta em si a forma integral da condição humana” (MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*s: Livro III, cap. II, *Do arrependimento*, 28). Dizer isto significa que sua própria experiência pode ser útil e dizer respeito aos outros homens. Tal é o caso da importância da conversação no contexto dos *Ensaio*s.

¹³ PASCAL, Blaise. *Apud* Introdução ao cap. VII in MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*s: Livro III, cap. VIII, *Da arte da conversação*, p. 203.

educação das crianças, dedicado à condessa de Gurson, grávida, no qual aconselha acerca do modo como a criança deveria ser educada. Esboçando suas ideias sobre educação, apresenta mais uma vez a relevância da conversação:

Nessa escola do comércio dos homens, notei amiúde um defeito: em vez de procurarmos tomar conhecimento dos outros, esforçamo-nos por nos tornarmos conhecidos e mais nos cansamos em colocar a nossa mercadoria do que em adquirir outras novas. O silêncio e a modéstia são qualidades muito apreciáveis na conversação. Educar-se-á o menino a mostrar-se parcimonioso de seu saber, quando o tiver adquirido. (...) Que evite essas atitudes indelicadas de dono do mundo, e a ambição pueril de parecer mais fino por ser diferente. [...] Que lhe ensinem, sobretudo, a ceder e sustar a discussão ante a verdade, logo que a enxergue, surja ela dos argumentos do adversário ou de sua própria reflexão¹⁴.

Não descartando peculiaridades, a importância da *arte da conversação* expressa o quanto Montaigne ainda estava ‘embebido’ pela efervescência do movimento humanista. Em tal temática, apresenta a crítica do modelo educacional de sua época, o que o torna um dos grandes inovadores da educação na modernidade. Tece críticas ao modelo de educação que, ao trabalhar com a memória, deixa vazia a razão. Assim, somente um modelo educacional fundado na abertura, permitida pelo diálogo, é capaz de alcançar a verdade e produzir o homem flexível capaz de buscá-la.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Notas sobre literatura I*. Trad. br. de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

CÍCERO, Marco Túlio. *ProArquia*. In: Antologias. Trad. br. Pe. Dr. Bernardo Harmsen C. M. Petrópolis: Vozes, 1959.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito*. 2. ed. Trad. br. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GARIN, Eugênio. *Ciência e Vida Civil no Renascimento Italiano* [1965]. Trad. br. Cecília Prado. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

¹⁴ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro I, cap. XXVI, *Da educação das crianças*, p.77. Revista de Administração Educacional, Recife, v.1, n.1 p 121-135, jan/jun,2014

KEHL, Maria Rita. “Civilização partida”. In NOVAES, Adauto (Organizador). *Civilização e Barbárie*, p. 101-124. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KRISTELLER, Paul. *Tradição Clássica e Pensamento Renascentista*, [1979]. Trad. Port. Artur Mourão. Lisboa: edições 70, (s/d).

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios* (Livros I e II). 5. ed. Trad. br. de Sérgio Milliet (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1991.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaaios: Livro I*. 2. ed. Trad. br. de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaaios: Livro III*. Trad. br. de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PLUTARCO. *Como ouvir*. Trad. br. de João Carlos Cabral Mendonça. (Coleção Breves Encontros). São Paulo: Martins Fontes, 2003.